

A VIOLÊNCIA POLICIAL E A SEGREGAÇÃO DAS CLASSES POPULARES NOS CONTOS DE FERRÉZ: QUANDO A LITERATURA IMITA A VIDA

POLICE VIOLENCE AND THE SEGREGATION OF THE WORKING CLASS IN FERRÉZ'S STORIES: WHEN LITERATURE IMITATES LIFE

LA VIOLENCIA POLICIAL Y LA SEGREGACIÓN DE LAS CLASES POPULARES EN LOS CUENTOS DE FERRÉZ: CUANDO LA LITERATURA IMITA A LA VIDA

Antonia Kaline Paiva Dias¹
Thays Carvalho Cesar²

Resumo

A literatura marginal periférica tem traços de realidade; muitas vezes os autores, em suas expressões artísticas, parecem relatar uma rotina vivida por moradores de favela. Sendo assim, este artigo estuda a relação entre a Literatura Marginal e a realidade, a partir de dois contos de Ferréz, *A fábrica de fazer vilão* e *Zé*, cujo tema principal é a violência policial nas favelas. Trata-se de uma comparação desses contos com matérias de jornais locais, em que policiais usam violência em suas abordagens. A pesquisa revela pontos comuns entre ficção e realidade, pois a arte parece imitar a vida. Tanto os contos como as reportagens mostram que a violência tem um alvo — os pobres e os negros. A metodologia é qualitativa, bibliográfica e utiliza recursos como artigos científicos, contos, livros e reportagens extraídas de jornais locais. Uma característica principal da literatura marginal periférica é que os autores são moradores de favelas que, através de sua arte, dão voz às suas lutas e causas sociais. No decorrer da pesquisa comprovou-se que a arte é porta-voz de uma causa maior — a denúncia e o grito por justiça pelo abandono social da população que vive à margem da sociedade. A literatura marginal periférica pode ser considerada um retrato da realidade brasileira.

Palavras-chave: literatura marginal periférica; violência policial; Ferréz; segregação de classes populares; a arte imita a vida.

Abstract

Peripheral marginal literature has traces of reality; often, authors in their artistic expressions seem to depict the daily lives of residents in favelas. This article studies the relationship between marginal literature and reality, based on two short stories by Ferréz, *A fábrica de fazer vilão* and *Zé*, whose main theme is police violence in the favelas. It involves a comparison of these stories with local newspaper articles in which police use violence in their encounters. The research reveals commonalities between fiction and reality, as art appears to imitate life. Both the stories and the news reports show that violence has a target — the poor and the black population. The methodology used is qualitative and bibliographic, utilizing resources such as scientific articles, short stories, books, and newspaper reports extracted from local publications. A key characteristic of peripheral marginal literature is that the authors are favela residents who, through their art, give voice to their struggles and social causes. Throughout the research, it was confirmed that art is a spokesperson for a greater cause — the denouncement and outcry for justice due to the social abandonment of the population living on the margins of society. Peripheral marginal literature can be considered a reflection of Brazilian reality.

Keywords: peripheral marginal literature; police violence; Ferréz; segregation of lower classes; art imitates life.

Resumen

La literatura marginal periférica tiene rasgos de realidad; a menudo los autores, en sus expresiones artísticas, parecen reportar una rutina vivida por los habitantes de las favelas. Por ello, este artículo estudia la relación entre

¹ Graduada em Letras no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: kalinepaiva_@hotmail.com

² Docente no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: thays.c@uninter.com

la Literatura Marginal y la realidad, a partir de dos cuentos de Ferréz, *La fábrica de villanos* y *Zé*, cuyo tema principal es la violencia policial en las favelas. Se trata de una comparación de esos cuentos con artículos de periódicos locales, en los que los policías utilizan la violencia en sus operativos. La investigación revela puntos en común entre la ficción y la realidad, ya que el arte parece imitar a la vida. Tanto los cuentos como las noticias muestran que la violencia tiene un objetivo: los pobres y los negros. La metodología es cualitativa, bibliográfica y utiliza recursos como artículos científicos, cuentos, libros y reportajes extraídos de periódicos locales. Una característica principal de la Literatura Marginal periférica es que los autores son habitantes de favelas que, a través de su arte, dan voz a sus luchas y causas sociales. Durante la investigación se comprobó que el arte es el vocero de una causa mayor, la denuncia y el clamor de justicia por el abandono social de la población que vive al margen de la sociedad. La literatura marginal periférica puede ser considerada un retrato de la realidad brasileña.

Palabras-clave: literatura marginal periférica; violencia policial; Ferréz; segregación de clases populares; el arte imita a la vida.

1 Introdução

O presente trabalho visa apresentar a violência policial e a segregação das classes populares por meio de uma análise dos contos de Ferréz, fazendo uma comparação de seus contos com os noticiários de jornais locais, da cidade de Belém do Pará e do interior, que relatam abusos e excessos cometidos por policiais.

Os contos utilizados neste trabalho foram *A fábrica de fazer vilão* e *Zé*, que compõem o *corpus* dos livros *Ninguém é inocente em São Paulo* (2006) e *Os ricos também morrem* (2015). A pesquisa procura esclarecer como Ferréz apresenta em seus contos a violência policial e a segregação das classes populares e quais os pontos de convergência entre ficção e realidade.

Sendo Ferréz, o principal nome da nova³ literatura marginal, buscou-se nele uma referência para tornar visível a forma como a literatura tem se manifestado nas periferias e ganhado espaços além da fronteira periférica.

Com a ascensão desta literatura, que passaremos a chamar de marginal periférica, ou somente periférica, o escritor periférico é o sujeito conhecedor e partícipe da realidade da periferia, que se torna protagonista de suas obras, sendo capaz de falar por si mesmo e levar a sua arte para o Brasil e o mundo, além das fronteiras da periferia.

O jeito de fazer literatura de Ferréz tem grande importância no currículo escolar, se pensarmos a literatura pelo viés sociológico; os efeitos causados pela recepção desse tipo de obra têm significado social na vida dos indivíduos periféricos.

Trabalhar a literatura marginal periférica em sala de aula — e abordar temas vividos constantemente pelos alunos — faz com que se sintam próximos da arte, pois enxergam a sua vida nos contos, poemas etc. Assim, além de compreender melhor o conteúdo, despertam

³ A Literatura Marginal tratada aqui distingue-se do movimento conhecido como geração mimeógrafo dos anos 70, este possuía como objetivo propor uma crítica ao conservadorismo vivenciado no Brasil em plena ditadura Militar, sendo um movimento de contracultura. A literatura Marginal referida neste trabalho é a periférica, feita por minorias, sejam raciais ou socioeconômicas, consideradas à margem da sociedade.

também o senso crítico.

Conforme Sapiro (2019), a recepção de uma obra tem efeitos não somente pelo seu significado social, mas também pela sua posição na hierarquia dos bens simbólicos, quer se trate de uma recepção crítica ou de difusão em livrarias.

Tendo em vista a importância da literatura periférica para promover reflexão sobre os acontecimentos que nos rodeiam e despertar o senso crítico, um dos objetivos principais deste trabalho é estudar a forma como a arte “imita”⁴ a vida, relacionando os contos de Ferréz com reportagens jornalísticas locais, ambientadas na periferia da cidade de Belém do Pará e cidades do interior.

A metodologia utilizada nesse trabalho é qualitativa e bibliográfica; utiliza como recursos artigos científicos, contos, livros e reportagens extraídas de jornais locais. Os materiais usados na pesquisa bibliográfica foram, em sua maioria, retirados de sites voltados para pesquisas acadêmicas e livros. As reportagens utilizadas são três e estão disponíveis na plataforma digital de jornais da região. Como critério de busca, foram escolhidas notícias sobre condutas policiais que resultaram em morte, sendo as vítimas moradores periféricos. A forma como as mortes foram noticiadas também foi levada em conta na escolha.

No item 1 será abordada a literatura marginal de ontem e hoje; o item 1.1 apresentará a literatura de Ferréz.; o 2 terá como temática a violência policial na obra de Ferréz; no 3 realizar-se-á uma análise de contos; no 4, considerar-se-á a violência policial fora das páginas — quando a arte imita a vida. O item 5 encerra com as considerações finais.

2 A literatura marginal ontem e hoje

Os primeiros escritos da literatura marginal surgiram nos anos 1960 e 1970 e tinham como objetivo propor uma crítica ao conservadorismo da sociedade, que se resistia a enxergar a realidade vivida pela população. A literatura marginal surge como um exemplo da contracultura⁵, em um período turbulento da história do Brasil: a ditadura militar.

Os escritores da época ficaram conhecidos como a geração mimeógrafo, o nome está atrelado à forma como os autores disseminavam seus escritos. O mimeógrafo era uma tecnologia de baixo custo e fácil acesso, utilizada nos anos 60 e 70 para fazer cópias de materiais impressos, uma vez que, como as grandes editoras não se interessavam por textos desse tipo, seus escritos eram impressos de forma manual, no mimeógrafo. Para Benevenuto:

⁴ Imitação: Do gr. mimesis, “imitação” (imitatio, em latim), designa a ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza, o que constitui, na filosofia aristotélica, o fundamento de toda a arte (CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**, [s. l.], 20 jun. 2010).

⁵ Cultura de grupos minoritários que se caracteriza por um conjunto de valores, normas e padrões de comportamento que se colocam em contradição frontal àqueles da sociedade dominante (Michaelis. São Paulo: Editora Melhoramentos, c2023).

Chacal, Torquato Neto, Waly Salomão, Ana Cristina César e Paulo Leminski são alguns nomes dos chamados “poetas marginais”. A marginalidade destes consistia na dificuldade que possuíam para publicar suas obras em editoras de grande porte. “Marginal” significava escrever versos anti-intelectuais, tratando de problemas do cotidiano, revelando sintonia com as mudanças políticas e comportamentais pelas quais passava o país (BENEVENUTO, 2010, p. 22).

Na contemporaneidade temos uma “nova” literatura marginal, conforme Souza (2010, p. 25), para marcar a diferença. Os escritores marginais da atualidade se distanciam dos artistas da geração mimeógrafo, pois são o porta-voz da periferia dos grandes centros urbanos e escrevem sobre suas mazelas diárias.

Um dos principais autores da “nova literatura marginal” é Reginaldo Ferreira da Silva, conhecido artisticamente como Ferréz, denominação composta pela junção do nome de dois personagens históricos marginalizados da cultura do Brasil, o legendário cangaceiro Virgulino Ferreira (“Ferre”) da Silva e o quilombola Zumbi (“z”) dos Palmares. Ferréz nasceu em 1975 na cidade de São Paulo.

Sendo Ferréz, um autor periférico que convive diretamente com os conflitos e problemas sociais enfrentados pela população marginalizada, mostra em seus textos um novo olhar para a literatura. Uma grande diferença daquele primeiro movimento dos anos 70 é que, na literatura marginal presente, o escritor é o próprio sujeito conhecedor da realidade, com um compromisso de fazer arte refletindo o seu ambiente de fala.

Para Souza (2010, p. 29), em sua obra *O ‘caso Ferréz’: um estudo sobre a nova literatura marginal*, como expressão de uma identidade, Ferréz praticamente “mora dentro do tema” abordado em suas obras.

Segundo Silvana José Benevenuto, em *A escrita como arma: uma análise do pensamento social na literatura marginal*:

Ao dizer “agora a gente escreve”, Ferréz toma esta literatura, a que autointitula Literatura Marginal, como a escrita de um grupo, de um coletivo, que teria como uma das propostas dar voz aos “sujeitos marginalizados”, oferecendo espaço para a manifestação destes que, pela situação específica da urbanização e alfabetização do nosso país, teriam permanecido fora do circuito das letras (BENEVENUTO, 2010, p. 15).

Assim como Ferréz, outros autores são nomes importantes na construção da literatura marginal, entre eles o escritor Paulo Lins (1958), com o livro *Cidade de Deus* (1997), João Antônio (1937-1996) e Plínio Marcos (1935-1999).

No item a seguir, apresentaremos as particularidades da literatura de Ferréz e explicaremos a relevância das temáticas tratadas por ele para nosso trabalho.

3 A literatura de Ferréz

A literatura periférica de Ferréz dá voz ao subalterno. Segundo Gayatri Chakravorty Spivak (2010, p. 7), o termo subalterno significa:

As camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (SPIVAK, 2010, p. 7).

Esse subalterno é representado por Ferréz, o sujeito marginalizado, morador das regiões periféricas do Brasil, que tem seus direitos básicos negados pelo Estado e sofre constante exclusão social; o autor expressa em suas obras as experiências vivenciadas pela população periférica do Brasil.

A literatura periférica é utilizada por Ferréz e outros autores para expressarem seu sentimento de indignação e revolta pela situação precária enfrentada pelos sujeitos das periferias. Sobre isso, em seu artigo *A representação da violência em manual prático do ódio*, Lanna Caroline Silva de Almeida pontua:

Com atenção em seus textos, esses escritores romperam o silêncio e falaram sobre as dificuldades que vivem. Colocando de lado os mediadores, que por muito tempo falavam por eles e ocupando o espaço de fala (ALMEIDA, 2019a, p. 5).

Ferréz retrata em seus contos uma realidade capaz de dialogar com dificuldades da vida na periferia, explora temas como racismo, violência policial e apagamento do indivíduo periférico. Conforme Ferréz (2005, p. 6), “Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas”.

Segundo Almeida (2019a, p. 8), Ferréz demonstra interesse em conseguir um espaço em que as vozes dos marginalizados possam ser escutadas, sem precisar de disfarce ou da voz de algum escritor que não sofra, à margem, como eles. Sendo assim, é comum verificar em seus contos muitas palavras escritas da forma como se fala na periferia.

Ferréz tem várias obras publicadas. Entre elas, *Capão Redondo* (2000), *Manual Prático do Ódio* (2003), *Amanhecer Esmeralda* (2005), *Os Ricos Também Morrem* (2015), tiveram grande reconhecimento, transportando a literatura periférica para outros ambientes.

Souza (2010) revela como Ferréz levou a literatura da periferia para o mundo:

Com o reconhecimento crítico de seus livros, Ferréz se transformaria em figura carimbada de bienais de livros e eventos ligados à literatura. Em meados de 2004, o escritor participa como palestrante de um ciclo chamado “Café Paulicéia”, junto com outros escritores e personalidades ligados à história de São Paulo. Naquele ano,

comemoravam-se os 450 anos da capital paulista. Além do autor de *Capão pecado*, o “ciclo” reuniu nomes como os de Glauco Mattoso e de Mário Chamie, músicos como Tom Zé e o maestro Júlio Medaglia, e acadêmicos, como Ismail Xavier, Carlos Augusto Calil e Jorge Schwartz (SOUZA, 2010, p. 39).

Ferréz se orgulha em levar a identidade periférica por meio da literatura para o Brasil e para o mundo, é o sujeito periférico como o seu próprio porta-voz. Segundo Almeida (2019a, p. 6), os excluídos deixam de estar no campo da representação, do silêncio e passam a ter voz na narrativa literária; a voz dos excluídos, antes suprimida, agora com acesso à oportunidade de voz.

3 “*Trabalhador o caralho, você é lixo*”: A Violência Policial na obra de Ferréz

A violência cometida por policiais contra moradores periféricos, em abordagens desrespeitosas, gera nesses sujeitos uma perda de confiança em si mesmos e no mundo, uma espécie de vergonha social, uma sensação de aniquilação existencial.

A grande questão levantada por Ferréz parece querer entender por que todo morador de periferia é tratado como bandido em procedimentos policiais. O autor expõe em suas obras que ser residente de periferia é ser tratado com desconfiança pela sociedade que detém o poder e que, ao que parece, a população moradora da periferia é vista com indiferença, um tipo de “lixo social”. Para Reyer (2020, p. 6), trata-se do outro que me é estranho, o outro que não tem rosto, não faz parte da minha vida e que por isso não merece a minha atenção.

A população periférica é refém de uma vida marcada por privações e violações de seus direitos, vivencia constantemente a violência física e social, seja por conta dos altos índices de homicídios nesse ambiente ou pela extrema pobreza e condições de vida precárias a que é submetida.

Ainda segundo Reyer (2020):

A violência decorre de diversos fatores políticos, culturais, econômicos ou sociais que demarcam sua complexidade. E, ao recordar sobre a formação social brasileira, observamos que o País carrega as marcas de uma ordem baseada no desmembramento social manifestado na escravidão, dependência externa e latifúndio monocultor, elementos que endossaram o preconceito e o racismo e reforçam critérios de uma “morte social” (REYER, 2020, p. 46).

No conto *A fábrica de fazer vilão*, um policial, ao fazer a abordagem no bar de uma família periférica, responde com a seguinte frase ao jovem, após este dizer que é trabalhador: “Trabalhador o caralho, você é lixo, lixo”. Em outro momento, já no conto *Zé*, o protagonista, após uma ação policial, é retratado por Ferréz com os seguintes sentimentos: “Os agentes da lei

saíram, Zé humilhado entrou no meio do povo, se misturou pra ver se o aperto no peito parava, mas não parou”.

Mesmo de forma ficcional, Ferréz traz em seus contos exemplos claros em que o sujeito se sente extremamente humilhado e envergonhado, sentindo uma aniquilação existencial pelo desrespeito, por não ser tratado com dignidade.

A aniquilação do outro acontece principalmente pela sua classe social e cor; para Reyer (2020, p. 49), associado ao negro, pobre e morador da periferia, o combate ao crime assume o significado de extermínio do criminoso. Essa visão é apenas uma das faces do preconceito difundido no senso comum como visão hegemônica. O fato de ser morador periférico, pobre e negro, vincula esses sujeitos à criminalidade e se é criminoso deve ser combatido a todo custo.

No trecho de *Violência policial: abordagens da literatura*, de Cubas, Natal e Branco (2015, p. 2), o uso político da polícia é colocado como instrumento de controle das elites sobre as classes populares, desencorajando distúrbios e impondo uma ordem pública de interesses dominantes. Esse uso se intensificou durante o regime militar (1964-1985), período no qual as polícias militares eram usadas como forças auxiliares do exército.

Essa experiência resultou em um legado de ilegalidades e uso abusivo da força nas ações policiais, livres de qualquer responsabilização de seus agentes, que o advento da democracia não foi capaz de superar, uma vez que as instituições não sofreram transformações profundas e mantiveram métodos bastante retrógrados.

Toda essa violência e abuso de autoridade presente nas favelas ou outros locais habitados por pessoas de classe baixa carregam consigo um preconceito incubado, como se apenas entre os pobres existisse falta de caráter, roubo ou venda de droga, como se esse meio fosse o responsável pela desordem. Por isso, deve ser combatido e o caminho é a violência.

Quando analisados os dados de violência presentes em abordagens policiais, percebe-se que o alvo é preciso: na sua grande maioria são homens, negros e periféricos. Segundo o anuário de 2020 do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, nas últimas intervenções realizadas pela polícia em 2019, 99,2% das vítimas de homicídio eram homens, deles, 79,1% negros e 74,3% jovens de até 29 anos.

O preconceito racial é algo antigo no Brasil. Segundo Silvio Luiz de Almeida, em seu livro *Racismo estrutural* (2019b, p. 23), a discriminação racial é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados; tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem a qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça.

Ainda segundo S. L. Almeida (2019b):

A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo leva à estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso da vida de todos os membros de um grupo social, o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material, é afetado (ALMEIDA, 2019b, p. 23).

No entanto, o preconceito no Brasil costuma ser ignorado; é tratado por muitos como coisa do passado, ainda que muitos autores desenvolvam trabalhos e pesquisas referentes ao tema. É válida a comparação da vivência atual da população periférica com o tempo da escravidão no Brasil: o escravo atual é o negro morador das periferias e o capitão são os policiais. Conforme explanado por Almeida:

O racismo moderno é diferente, uma concepção mais viciosamente sistemática de inferioridade intrínseca e natural, que surgiu no final do século XVII ou início do século XVIII, e culminou no século XIX, quando adquiriu o reforço pseudocientífico de teorias biológicas de raça, e continuou a servir como apoio ideológico para opressão colonial mesmo depois da abolição da escravidão. Desse modo, pode-se concluir que, por sua conformação histórica, a raça opera a partir de dois registros básicos que se entrecruzam e complementam (ALMEIDA, 2019b, p. 21).

Segundo Benevenuto,

A questão do preconceito e, neste texto, é constante o uso de metáforas e palavras que dão sentido ao encarceramento étnico-social, que mantém o negro e o pobre na condição de perseguido, seja pela polícia, quando os vê como principais suspeitos, seja pela sociedade de maneira geral, pelos olhares ou atos que os discriminam (BENEVENUTO, 2010, p. 61).

Quando Ferréz traz em seu conto *A fábrica de fazer vilão* uma cena em que a polícia comete uma série de violências verbais contra moradores periféricos, o policial não usa agressão física, mas, por meio da fala agressiva e sem nenhum respeito, deixa os moradores da casa, onde acontece a cena, completamente desorientados e sem ação — temendo perder a vida e se sentindo totalmente inferiores, sem dignidade.

A seguir aprofundaremos a análise dos contos *A fábrica de fazer vilão* e *Zé*, com o intuito de encontrar evidências de violência policial e da marginalização do cidadão periférico.

4 Análise dos contos

A forma como a arte é expressa na literatura marginal possibilita ao leitor a identificação do processo naturalizado — que acontece na formação social de uma pessoa nascida e criada nas regiões periféricas do Brasil — e a percepção de como se sente inferior e sem esperança de que essa realidade possa mudar.

Os contos de Ferréz descrevem um pouco dessa realidade; o sujeito é constantemente insultado pela polícia, como no trecho de *A fábrica de fazer vilão*, em que o narrador transmite o seguinte sentimento:

Sabe o que você é? Não.
Você é lixo, olha suas roupas, olha sua cara, magro que nem um preto da Etiópia,
vai roubar, caralho, sai dessa.
Sou trabalhador.
Trabalhador o caralho, você é lixo, lixo.
Cai cuspe da boca dele na minha cara, eu sou lixo agora.
Eu canto rap, devia responder a ele nessas horas, falar de revolução, falar da divisão errada no país, falar do preconceito, mas... (FÉRREZ, 2006).

O narrador, mesmo cultivando no seu íntimo sentimento de esperança quando fala dos seus sonhos, só ele e os moradores daquele ambiente sabem das suas lutas e o quanto é difícil vencer na vida como periférico e negro. Os contos mostram em seu enredo uma realidade daquilo que é a vivência real da maioria da população periférica brasileira.

Em outro conto, *Zé*, Ferréz evidencia o abuso policial frente ao trabalhador homem, nordestino e pobre. Na narrativa o homem se sente incapaz de reagir a uma abordagem policial. Ferréz usa o mito popular de que uma pessoa chamada Zé é como se não fosse um ser humano dotado de direitos; é comum falar de um “Zé qualquer”. No conto, o personagem no desenrolar da história acaba sendo ninguém mesmo.

- Tão abusando do Zé, qui é um coitado, se fosse um bandido não faziam isso. Os agentes da lei saíram, Zé humilhado entrou no meio do povo, se misturou pra ver se o aperto no peito parava, mas não parou. Zé finiu (FÉRREZ, 2015).

Ainda trazendo à tona típicas cenas de violência policial, em determinada fala do conto *A fábrica de fazer vilão*, o policial diz: “É o seguinte, por que esse bar só tem preto?” Na sequência, tem-se o que se entende como a fala do personagem principal do conto: “Ninguém responde, vou ficar calado também, não sei por que somos pretos, não escolhi”.

Aqui identificamos uma situação comum na sociedade brasileira, onde o sujeito é julgado pela cor da pele e classe social; tanto o policial quando os próprios sujeitos negros parecem concordar que ser uma pessoa negra os faz inferiores e fadados à criminalidade.

Quanto a esse tema, buscamos entender melhor o motivo gerador do senso comum no pensar. Segundo Almeida (2019b):

O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria e pelo sistema educacional (ALMEIDA, 2019b, p. 41).

Para Almeida (2019b), o que se nos apresenta não é a realidade, mas uma representação do imaginário social de pessoas negras. Esse imaginário em torno do negro criminoso, representado nas novelas e nos meios de comunicação, não poderia se sustentar sem um sistema de justiça seletivo, sem a criminalização da pobreza e sem a chamada “guerra às drogas” que, na realidade, é uma guerra contra os pobres e, principalmente, contra as populações negras.

Em outro trecho do conto *A fábrica de fazer vilão*, Ferréz apresenta a seguinte cena:

É o seguinte, seus montes de bosta, vou apagar a luz, e vou atirar em alguém.
Mas capitão...
Cala a boca, caralho, você é da corporação, só obedece.
Sim, senhor.
Ou tem algum familiar seu aqui, algum desses pretos?
Tem não.
Ah! Mas se eles te pegam na rua, comem sua mulher, roubam seus filhos sem dó.
Certo, capitão (FERRÉZ, 2006).

Todo o enredo do conto sucede em uma cena de violência cometida por policiais em uma abordagem na periferia a uma família de negros.

Quando Ferréz trata em seus contos a violência cometida por policiais nas periferias, os leitores são levados a um questionamento das razões que levam a essa realidade; Ferréz faz uma crítica ao sistema de segurança pública do Estado, que age de forma rigorosa nas periferias do país.

Para Alba Zaluar (1998), a violência policial, além de estar ligada à construção de uma ideologia ao longo dos anos, é também lucrativa. A mídia reforça esse estereótipo para vender a matéria: quanto mais sensacionalista e impactante melhor.

Como consequência, tem-se o espalhamento do caos e medo e se necessita o uso da violência para controlar e impor ordem na sociedade. A ideia difundida é que os possíveis meliantes estão atrelados a pessoas de determinada raça, cor e gênero, reforçando o preconceito. Assim Alba Zaluar afirma:

Os sentimentos de medo e insegurança dela decorrentes passaram a fazer parte do cotidiano de seus moradores, mas atingiram particularmente os que vivem nas favelas e bairros pobres. Essas ameaças à segurança quebram o equilíbrio das tensões em que se monta a paz social, vindo a alimentar os círculos viciosos da violência cotidiana em que os pobres tornam-se [sic] os mais temidos e os mais acusados, justificando a violenta e injusta repressão que sofrem (ZALUAR, 1998, p. 252).

Os contos de Ferréz expõem uma visão de dentro para fora, ou seja, enquanto a sociedade está acostumada a uma visão da população periférica como criminoso, que generaliza todos os moradores periféricos, o autor apresenta em seus contos a versão da própria população,

com suas histórias de abuso e desrespeito, enfrentados durante a vida toda; essa população sabe-se esquecida pelo Estado e sente medo daqueles que deveriam protegê-la, no caso a polícia.

5 A violência fora das páginas: quando a arte imita a vida

As notícias retratadas aqui foram retiradas de sites de jornais locais. Os fatos ocorreram na região Norte do Brasil, na capital Belém do Pará e cidades do interior paraense. Por meio delas, buscou-se mostrar a semelhança das obras de Ferréz com a realidade vivida pelos moradores periféricos; é possível também observar a forma como a mídia aborda casos como esse, tratando a violência como algo comum e dentro da “normalidade”.

A primeira notícia foi retirada do site *O Liberal*, filiado à Rede Globo, e relata de forma sucinta a absolvição de um policial após um crime ocorrido em 2015:

B⁶, cabo da Polícia Militar do Pará de 34 anos, foi absolvido na tarde desta quinta-feira (30) da acusação de ter matado o estudante F, de 17 anos, em fevereiro de 2015. O jovem estava sentado na porta de sua casa quando foi baleado e não resistiu aos ferimentos, feitos por projéteis deflagrados pela arma de serviço do militar. Segundo o Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJPA), em interrogatório, o militar confessou o crime e alegou ter tido "falsa percepção da realidade", ao passar de carro pela rua Cipriano Santos, bairro da Terra Firme, e dizer ter visto um ex-agente penitenciário correr de arma em punho atrás de um suposto ladrão. Segundo B, ele decidiu no momento descer do carro e dar ordem à pessoa que corria armada, que continuou a correr. Em seguida, o militar deflagrou os projéteis, e dois deles acertaram o estudante. F foi morto com dois disparos.

A notícia não faz crítica alguma nem menciona a irresponsabilidade do policial que atira sem saber o destino do projétil, como é de praxe; se mantém neutra e, vez ou outra, é tendenciosa. Quando analisamos o local onde ocorreu a morte do jovem, percebemos que é um bairro periférico da capital paraense. Cenas como essa são “comuns” no noticiário local; a própria população local julga o local inseguro e perigoso para morar. No título da matéria expõe-se o seguinte: *PM que matou adolescente na Terra Firme é absolvido ao alegar 'falsa percepção da realidade* (PM QUE MATOU..., 2019, n. p.). A notícia leva o leitor a acreditar que, naquele bairro, onde a criminalidade é constante, o fato de o policial ter tido falsa percepção da realidade justifica a morte do estudante.

A notícia isenta de qualquer culpa o PM que tirou a vida de um inocente; esse jovem, aos olhos de muitos leitores, ficará como alguém de fato envolvido na criminalidade, ou como alguém que estava na hora errada e lugar errado. Para a antropóloga Alba Zaluar (1996), no

⁶ Nessa pesquisa optou-se por usar apenas a inicial dos nomes como forma de preservar a identidade, apesar de constarem na notícia do jornal.

Brasil, a pobreza torna-se sinônimo de crime: “Continuar a afirmar que a pobreza explica o crime significa reforçar a opção pelos pobres que a polícia e a Justiça brasileira já fizeram há séculos” (ZALUAR, 1996, p. 58).

A matéria faz recordar os contos de Ferréz aqui relatados, especialmente o trecho de *A fábrica de fazer vilão* reproduzido anteriormente, relativo aos pretos e ao capitão que vai “atirar em alguém” (FERRÉZ, 2006). No conto identificamos a forma como o pensamento policial é hegemônico respeito à população periférica. Para os policiais, todos os que estavam naquele ambiente eram criminosos e deveriam ser tratados como tal. Ao fazer uma comparação com a matéria do jornal, identificamos traços em comum, pois o jovem foi morto pelo simples fato de ser morador periférico; não houve chance de defesa; na sua “falsa percepção” visual, o policial atirou no jovem que considerava ser um criminoso.

A segunda matéria apresentada é: *Policial que matou jovem em festa presta depoimento e alega legítima defesa* (POLICIAL QUA MATOU..., 2021, n. p.), um caso bem parecido com a notícia anterior. Ambos demonstram como a polícia age com certo despreparo nas suas ações.

A seguir alguns trechos da notícia retirada de *Amazônia*; as reportagens estão na íntegra no site:

O policial militar J. prestou depoimento na 20ª Seccional Urbana de Polícia Civil na manhã de domingo (4), logo após uma confusão em uma boate de Parauapebas que vitimou Jo. Ao ser ouvido, o militar alegou legítima defesa e disse ter sido agredido durante a madrugada por um grupo de homens (POLICIAL QUA MATOU..., 2021, n. p.).

A notícia narra o julgamento de um crime cometido por um policial fora do seu horário de trabalho, em que usa a sua arma e mata uma pessoa. No depoimento, o agente alega legítima defesa e a mídia, mais uma vez, reforça que o policial foi atacado, justificando o crime que ele cometeu. O rapaz assassinado teria ido a uma boate e um grupo de homens teriam atacado o oficial. A notícia não deixa claro o que realmente aconteceu.

Ambas as notícias, por mais que tenham acontecido no estado do Pará, são conhecidas da população nacional, uma vez que é comum ver este tipo de reportagem na mídia. Nelas, a versão da polícia é que a força utilizada tinha sido necessária para controlar a desordem.

A última reportagem utilizada como comparativo ocorreu também na periferia de Belém do Pará, no bairro Tapanã. A matéria retirada do site G1 Pará, tem como manchete *Comandante é afastado do cargo após morte de pedreiro em ação da PM; promotoria militar investiga o caso em Belém*. Seguem alguns trechos da notícia:

Segundo a Polícia Militar, foram recebidas denúncias de que um homem suspeito de tráfico estaria comercializando drogas na rua Santa Lúcia, no Tapanã. Os policiais entraram na casa do pedreiro, onde ele e a mulher teriam sido agredidos, conforme os demais moradores da comunidade (COMANDANTE É AFASTADO..., 2021, n. p.).

Um fato que chama a atenção nessa reportagem é a associação do homem ao tráfico de drogas, antes mesmo de informar que o fato termina com a morte de alguém. Primeiro, apresenta-se a justificativa para a morte: “foram recebidas denúncias de que um homem suspeito de tráfico [...]” (COMANDANTE É AFASTADO..., 2021, n. p.). Ao ler essa matéria, automaticamente o sujeito é classificado como criminoso ou alguém suspeito de atividade ilícita, e que deve ser tratado como bandido.

No trecho a seguir o caso tem mais detalhes:

O homem teria ficado por alguns minutos sozinho com os policiais e depois, saiu do local carregado em uma rede, sendo colocado na viatura para encaminhamento para atendimento médico. A polícia informou que ele teria passado mal durante a abordagem. Não foi especificado quantos policiais estavam na ação. O pedreiro chegou a ser levado para uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Tapanã, mas o laudo médico do Centro de Perícias Científicas Renato Chaves informa que ele já chegou à unidade sem vida e que morreu por asfixia mecânica (COMANDANTE É AFASTADO..., 2021, n. p.).

Aqui temos a conclusão do fato: o homem estava morto, no entanto, nada comprova que foi morto por tortura policial. Para o leitor, asfixia mecânica pode ser um termo muito técnico para compreender a verdadeira causa da morte do pedreiro.

Ao final da reportagem, o curso do caso é detalhado da seguinte maneira:

Caso haja comprovação de crime de homicídio, o caso seguirá para a justiça comum. Se ficar comprovado que houve crime tortura, seguido de morte, aí sim será competência da Justiça Militar. Ainda tem a possibilidade de legítima defesa, aí o caso será arquivado", informou o promotor.

Em nota, a PM informou que "não compactua com nenhum desvio de conduta de seus integrantes (COMANDANTE É AFASTADO..., 2021, n. p.).

É nítido como a notícia não tem interesse em levantar um questionamento referente à forma como o homem morreu. Com palavras breves e sem nenhuma sensibilidade, parece narrar mais um caso de alguém que se envolveu na criminalidade e mereceu morrer —pensamento comum na sociedade brasileira. Sendo assim, não é importante saber quem era o homem.

Em sua tese *Crítica em tempos de violência*, Jaime Ginzburg (2010) reflete:

Em um país com um histórico forte de experiências de violência e circulação de ideologias autoritárias, o debate não se faz com facilidade. De maneiras diretas ou indiretas, ostensivas ou subliminares, alguns historiadores e críticos da literatura

brasileira expressaram perspectivas ideológicas em acordo com as elites dominantes, caracterizando o cânone literário de modo coerente com essas perspectivas (GINZBURG, 2010, p. 123).

Ao ler as notícias dos jornais referentes a casos em que ocorrem abusos e violência por policiais, conseguimos perceber uma forma de pensar, uma ideologia. A criminalidade age por meio da violência, de maneira que é necessário o uso desses meios para manter a paz e ordem no país.

Contrariando essa visão da mídia, Ferréz e outros autores da literatura periférica exibem, em seus contos, poesia e música, a visão dos moradores de periferias que presenciam diariamente atitudes e cenas de violência cometida por policiais. Buscam desconstruir estereótipos e promover a igualdade social, narrando com sua própria voz as dores, lutas e a verdadeira identidade do sujeito periférico marginalizado.

Os casos relatados nas reportagens possuem traços em comum com os contos de Ferréz. São eles, a abordagem abusiva da polícia, a discriminação contra a população periférica e a sociedade periférica vista e tratada como bandido.

5 Considerações finais

O presente trabalho procurou mostrar como Ferréz apresenta, dentro da literatura marginal, por meio de seus contos, a violência policial, a segregação de classes populares e os pontos de convergência entre ficção e realidade.

Ferréz é um grande artista e sensível às causas sociais; usa a arte para fazer uma crítica à realidade enfrentada pela população periférica paulista. Em seus contos e entrevistas, faz questão de apresentar esses questionamentos, buscando, por meio da literatura, fazer com que os cidadãos periféricos sejam enxergados, tenham seus direitos atendidos e se sintam orgulhosos de serem moradores da periferia.

A pesquisa mostrou que a literatura de Ferréz, denominada marginal, se distingue muito do movimento dos anos 70. É única e apresenta o sujeito periférico como protagonista da sua arte, pois os autores são moradores da periferia, que vivem no seu dia a dia experiências de violência, discriminação e mazelas sociais. Tornam-se protagonistas quando falam por si mesmos, através de contos, poesias, letras de música, ou qualquer outro tipo de arte, fazendo da literatura marginal uma riqueza cultural do país.

Entre muitos contos de Ferréz, foram selecionados dois para tratar temas recorrentes na obra do autor. São eles *A fábrica de fazer vilão* e *Zé*, cuja temática principal é a violência cometida por policiais contra moradores periféricos; neles, o policial é interpretado como

sujeito violento e que aplica métodos de abordagem e conduta da mesma forma contra todos aqueles que moram na periferia, como se todos fossem bandidos. Como percebido pela sociedade, a criminalidade é a realidade das favelas.

O autor demonstra como a sociedade periférica é discriminada e vista como inferior àquelas dos grandes centros; pelo fato de serem moradores de favelas, são automaticamente associados ao tráfico e à criminalidade e, a partir desse pensar, a polícia se comporta de forma abusiva no patrulhamento das favelas do Brasil.

Buscando compreender o que motivou o comportamento das forças policiais da atualidade, a pesquisa fornece caminhos para entender que essa forma de agir seria reflexo de uma abordagem vigente desde a ditadura militar, quando o Estado utilizava a polícia como ferramenta controladora da sociedade. Se o sujeito periférico é visto como criminoso, deve ser combatido; nesse ponto entra a polícia como controladora da desordem e estabelecadora da ordem nacional.

Ferréz mostra esse fato em seus contos e nos faz questionar se a arte de fato imita a realidade; por isso, buscaram-se notícias de jornais com matérias parecidas com os contos do autor.

As matérias jornalísticas usam uma linguagem bem diferente da utilizada por Ferréz em seus contos; ambas as narrativas tratam fatos parecidos, no entanto, com pontos de vista diferentes. De um lado, o jornal demonstrando meramente o fato, do outro Ferréz narrando o acontecimento do ponto de vista do morador periférico.

Porém o que chama a atenção é o fato de a arte ser muito próxima à realidade, quando os acontecimentos narrados nos contos se aproximam muito às notícias jornalísticas. O fato é que a polícia possui uma abordagem questionável e aplica métodos de extermínio do morador periférico, não faz distinção entre moradores. Para ela, todos os que moram na periferia são suspeitos e devem ser tratados como criminosos.

Quando Ferréz demonstra em seus contos que a violência cometida por policiais tem como alvo a população periférica, negra e em condições socioeconômicas indignas, percebe-se que, na realidade apresentada através das matérias jornalísticas, o perfil de quem sofre a violência policial tem os mesmos traços.

O que percebemos é que a literatura marginal é uma representação da realidade vivenciada pela população periférica no país, de norte a sul; a forma como o preto, pobre e morador de favela tem sido tratado e morto vai totalmente contra os direitos que todo cidadão tem por direito.

Referências

ALMEIDA, L. C. S. de. A representação da violência em “Manual Prático do Ódio”, de Ferréz. **Garrafa**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 47, p. 41-60, jan./mar. 2019a. ISSN 18092586.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019b.

BATISTA, Nilo. Mídia e sistema penal no capitalismo tardio. **BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, Portugal. 2003. Acesso em: 10 fev. 2022.

BENEVENUTO, Silvana José. **A escrita como arma: uma análise do pensamento social na literatura marginal**. 2010. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília - SP, 2010.

COMANDANTE É AFASTADO do cargo após morte de pedreiro em ação da PM; promotoria militar investiga o caso em Belém. **G1 PA/TV Liberal**, Belém 31 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2021/08/31/promotoria-de-justica-militar-investiga-morte-de-pedreiro-em-acao-policial-em-belem.ghtml>. Acesso em: 01 out. 2021.

CRUZ, Adélcio de Sousa. **Narrativas contemporâneas da violência**: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz. Dissertação (Doutorado em Letras - Literatura Comparada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Assis, 2009.

CUBAS, V.; NATAL, A.; CASTELO BRANCO, F. Violência policial: abordagens da literatura. In: KUCINSKI, Bernardo *et al.* **Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

FÉRREZ. Fábrica de fazer vilão. **Blog Ferréz Escritor**. São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <http://blog.ferrezescritor.com.br/search?q=f%C3%A1brica+de+fazer+vil%C3%A3o>. Acesso em: 15 jan. 2021.

FÉRREZ. Zé. **Blog Ferréz Escritor**. São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <http://blog.ferrezescritor.com.br/2011/02/ze-texto-inedito.html>. Acesso em: 15 jan. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. 2010. 300 f. Tese (Livre Docência em Literatura Brasileira) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GLASSNER, Barry. **Cultura do medo**. Tradução Laura Knapp. São Paulo: Francis, 2003.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. A gramática moral dos conflitos sociais. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R.G. **Crime, polícia e justiça no Brasil**. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.

MEDINA, E. D. Narrativa e testemunho como formas de elaborar a violência policial: sobre Amarildo, Martiniano e outros trabalhadores. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 7, n. 1, jun./dez. 2013

ORWELL, G. **Como morrem os pobres e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PESCHANSKI, João A.; MORAES, Renato. As lógicas do extermínio. *In*: KUCINSKI, Bernardo *et al.* **Bala perdida**: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

PM QUE MATOU adolescente na Terra firme é absorvido ao alegar “falsa percepção da realidade”. **O Liberal**, Belém, 30 maio 2019. Disponível em: <https://www.oliberal.com/policia/pm-que-matou-adolescente-na-terra-firme-%C3%A9-absolvido-ao-alegar-falsa-percep%C3%A7%C3%A3o-da-realidade-1.150649>. Acesso em: 1 out. 2021.

POLICIAL QUE MATOU jovem em festa presta depoimento e alega legítima defesa. **O Liberal**, Belém, 5 jul. 2021. Disponível em: <https://www.oliberal.com/policia/policial-que-matou-jovem-em-festa-presta-depoimento-e-alega-legitima-defesa-1.406472>. Acesso em: 01 out. 2021.

REYER, A. M. B. **Da "morte social" a "morte pública"**: mediação da violência e o caso da jovem senhorita Andreza, em Belém-Pa. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2020.

ROSA, N. P.; GUEDES, M. Q. P.; LEITE, M. A. A literatura marginal periférica e o cânone literário. **Navegações**, Porto Alegre - RS, v. 12, n. 2, jul./dez. 2019.

SOUZA, Renato de. **O ‘caso Ferréz’**: um estudo sobre a nova literatura marginal. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZALUAR, Alba. A globalização do crime e os limites da explicação local. *In*: VELHO, G.; ALVITO, M. **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. *In*: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.